

“A Universidade deveria se abrir mais para as periferias da cidade.”

“The University should open more to the periphery of the city.”

A afirmação é da doutora honoris causa Adenilde Petrina Bispo, em entrevista à Cláudia Lahni, realizada no dia 6 de julho de 2018, especial para Revista *Libertas*. Mulher negra, da periferia, Adenilde se formou em Filosofia, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 1974. Militante do movimento negro, do hip-hop e pela democratização da comunicação, foi professora da rede municipal até a sua aposentadoria. Coordenou a Rádio Mega FM, emissora comunitária autêntica do bairro Santa Cândida, que funcionou de 1997 a 2006. No dia 18 de agosto de 2017, aos 65 anos de idade, a intelectual orgânica Adenilde Petrina Bispo recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela UFJF¹. O título foi sugerido pela professora Daniela Auad, em reunião do Flores Raras – Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos (FACED-UFJF-CNPQ) – e encaminhado, em nome do grupo, pela professora Cláudia Lahni (FACOM-UFJF); após relatório de comissão da Faculdade de Comunicação sobre o pedido e comissão do Conselho Universitário, a concessão do título foi aprovada pelo CONSU no dia 1º de junho de 2017². Nesta entrevista, a Doutora Adenilde explica sobre o Slam, avalia a situação atual do País e aponta a necessidade de trabalho conjunto entre a Universidade e a periferia.

*Cláudia Regina Lahni*³

¹ <http://www.ufjf.br/noticias/2017/08/19/ufjf-concede-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-adenilde-petrina/>

² <http://www.ufjf.br/educacomunicafeminismos/2017/06/02/doutora-adenilde/>

³ É jornalista, doutora em Ciências da Comunicação (USP) e pós-doutora em Comunicação (UERJ). Professora Associada da Faculdade de Comunicação da UFJF, MG, Brasil, é casada com a professora Daniela Auad, com quem coordena o Flores Raras – Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos (FACED-UFJF-CNPQ). Em parceria com Adenilde Petrina Bispo, há mais de 18 anos, trabalha extensão, pesquisa e ensino.



Adenilde

Foto: Júlio Freitas

Cláudia:

- Adenilde, você é formada em filosofia pela UFJF, lecionou até a sua aposentadoria e sempre militou, principalmente na região dos bairros São Benedito, Santa Cândida e Vila Alpina. Como você vê as possibilidades de parceria entre a Universidade e o Movimento Social Popular?

Adenilde:

- Bom, eu vejo com muita felicidade e muito bons olhos. Acho assim super importante! É uma discussão que a gente trava no coletivo, e a gente chegou a conclusão que é muito importante, já que os meninos se descobriram intelectuais orgânicos e perceberam que precisam da ajuda da academia, da Universidade, pra poder iluminar a caminhada, iluminar a práxis deles, porque o que eles sabem da vida, a teoria que eles criam sobre a comunidade, a maneira de ver a periferia é a partir da vivência, então eles sentem necessidade dessa teoria para iluminar essa práxis. E eu acho bacana, porque a Universidade deveria se abrir mais para as periferias da cidade, uma vez que o povo sempre olhou com desconfiança a universidade, que sempre esteve distante da gente. A gente deveria se juntar para trocar conhecimento, trocar saberes, experiências, criar um mundo novo, puxar a juventude para a universidade, para que eles assumam fazer curso, se formar, eles ainda tem um pouco de receio. E também o que eu acho muito importante é que a universidade respeite, através desses projetos, o

protagonismo dos jovens, que a gente caminhe junto como companheiros, trabalhando pelo mesmo objetivo, mesmo ideal, mas de igual para igual.

Cláudia:

-Na sua opinião, é papel da Universidade esse fortalecimento dos movimentos sociais?

Adenilde:

- Eu acho que sim, esse fortalecimento, um esclarecimento, ajuda pra gente ter acesso a tecnologias que nós não conhecemos, ter acesso a maneiras de interpretar a realidade que a gente não sabe, para, enfim, enriquecer nosso universo.

Cláudia:

- Tem algum projeto, do qual você já participou, que você sabe que a UFJF tenha feito e que foi bom para esse fortalecimento dos movimentos sociais?

Adenilde:

- O que eu tenho experiência foi com a Rádio Mega, que foi um projeto da Faculdade de Comunicação com você, Cláudia Lahni. Então foi muito bom aquele projeto Programa de Mulher! Abriu um horizonte das mulheres, aqui, da Santa Cândida, e meu também, como sempre falo, a gente achava que a gente era só para o trabalho e que a gente não era nada, a gente era um ser... mas não sabíamos definir o que a gente era. Então, a partir dos programas, a gente foi percebendo a nossa sexualidade, que a gente era mulher e inclusive que a gente era protagonista de todas as mudanças, aqui na Santa Cândida, a gente nunca tinha pensado nisso. Então a partir daí que a gente foi vendo o nosso protagonismo, que a gente articulou todas as mudanças aqui do bairro, e que nós éramos seres importantes, e daí teve a reflexão sobre o que é feminismo, sobre o feminismo negro e entender todas as diferenças, a gente tá se questionando sobre o feminismo periférico, que é diferente do feminismo branco, do feminismo negro, e agora estamos articulando um pensamento sobre o feminismo periférico, e tudo isso foi graças ao projeto e a confiança que a gente teve. Quarta-feira a gente foi na universidade para lançar o projeto, o filme dos meninos, “Íris da Candinha”, e a gente estava falando sobre isso, a confiança que essas parcerias com a universidade deram pra gente. Por exemplo, aqui, na rádio, a gente achava que ninguém ouvia a gente. Mas os alunos da professora Cláudia fizeram uma pesquisa, e a gente percebeu que o pessoal do bairro gostava de nós, foi muito importante essa pesquisa que seus alunos fizeram, perguntando se tinha mulher importante no bairro, e os meninos disseram que não, que importante era Ana Maria Braga, a Xuxa, eles não davam valor às mulheres daqui. E com isso a gente se conscientizou que tinha que fazer alguma coisa pra mostrar pra eles a história do bairro, que eles não

conheciam a história da Santa Cândida, eles não sabiam o papel das mulheres dentro da construção do que o nosso bairro é hoje, das lutas que a gente teve. Na linha de frente sempre eram as mulheres; os homens vinham atrás, comandados. Então, eu achei muito rica essa parceria, muito importante pra todos nós aqui, pra mim foi maravilhoso! Por isso que eu acredito que a gente deva ter esses projetos de extensão aqui, vai alargar nossos horizontes.

Cláudia:

- Adenilde, por falar em Rádio Mega, você participou ativamente da Mega FM, uma emissora comunitária autêntica, que ficou no ar entre 1997 até 2006, organizada de forma coletiva pelas moradoras e moradores aqui do [bairro] Santa Cândida, São Benedito e Vila Alpina. Qual a importância da Mega FM para o bairro Santa Cândida e região e para toda a cidade e, ainda nesse sentido, qual a importância da democratização da comunicação?

Adenilde:

- A importância da rádio, aqui para a comunidade, foi muito interessante! Primeiro, a questão da autoestima dos moradores, periferia, as pessoas tinham e ainda tem vergonha de morar aqui na Santa Cândida, era considerado um bairro violento, muito feio, a gente sempre se deparava com esse desprezo que os moradores sentiam em relação ao bairro, a vergonha de morar aqui, o que se manifestava de muitas formas. Aí com a rádio, o pessoal começou a ver que valemos alguma coisa: “nós temos uma rádio que é muito boa, que tá representando a gente”. E o orgulho de ter a rádio Mega aqui, na comunidade, foi muito bom para os moradores, além também do conhecimento, da informação, por causa da pluralidade de programas na rádio e tal. Então, as pessoas conheceram um monte de propostas. Conheceram com o programa Diversidade, que falava sobre homofobia, com o pessoal do MGM; conheceram a importância da luta das mulheres, o que é ser mulher, ocupar um espaço; os jovens se descobriram protagonistas por causa da cultura hip-hop, descobriram o Blues que eles achavam que era música só de rico; o Jazz, que também achavam que era música só de rico e descobriram a música clássica, barroca, através do programa do seu João Alberto, antes do Programa de Igreja, da Comunidade com Jesus. Foi muito interessante! Na nossa rádio a gente tinha programa católico, das duas facções da igreja, a da Teologia da Libertação, que era o Comunidade com Jesus, e o outro - Água Viva -, que era do pessoal da Renovação Carismática, que era mais conservador, diferente para nós. Tinha programa de Umbanda, Candomblé e Espiritismo; e também dois programas Evangélicos. Então a rádio tinha uma variedade de programas que era oferecida para a comunidade, tinha um leque bem aberto para eles escolherem o que eles queriam, que no fundo era o objetivo da rádio. Era ser ponte para a

fraternidade, levar informação, educação, conhecimento, e acho que a gente cumpriu o nosso papel, e ela foi importante não só para o nosso bairro, mas para outros bairros também, porque a partir da programação da rádio que a gente pôde organizar a cultura hip-hop nas periferias de Juiz de Fora.

Cláudia:

- E a questão da democratização da comunicação?

Adenilde:

- Nós aprendemos, no tempo em que a gente teve na rádio e com a ajuda também da Cláudia, que a democratização da comunicação é super importante porque só a classe rica, a elite, os poderosos é que tinham acesso à informação e eram eles que disseminavam a informação, eles tinham voz e a gente não. Então, a gente foi percebendo ‘que democracia é essa, que dá voz apenas a um segmento da sociedade e a outro não?’. Então, a luta pela democratização da comunicação cresceu e fortaleceu entre nós, porque a gente acredita que se não democratizar a informação, não tem democracia na sociedade, um grupo vai continuar falando e falando e os outros calados.

Cláudia:

- Adenilde, como foi a formação e como é a atuação do Coletivo Vozes da Rua?

Adenilde:

- O Coletivo Vozes da Rua tem uma história, uma pré-história que começou na rádio por causa da cultura hip-hop. Foi criada primeiro a Posse de Cultura Hip-Hop Antônio Conselheiro, depois rachou por questões ideológicas, e foi criado a Posse Zumbi dos Palmares, que deu origem à Armadilha do Gueto quando a rádio foi fechada e da Armadilha do Gueto surgiu o Coletivo Vozes da Rua, em 2013, quando a violência começou a crescer aqui na periferia, aqui no Santa Cândida, e a mídia do asfalto começou a falar que a gente era muito violento, que todos nós éramos bandidos, que a gente tava armado 24 horas... Então, o Zoi, que é um raper, aqui da Candinha, falou que a gente tinha que mudar essa narrativa, ‘nós temos que mudar essa história’. E a maneira seria juntar a cidade com a comunidade, porque aí o pessoal lá do asfalto vai subir e vai ver que a gente não é bandido, e a gente vai perceber que eles respeitam a gente, vai haver um entrelaçamento dos dois lados e a gente vai se fortalecer pra lutar junto contra a violência. Como a gente encontrou caminho pra fazer isso? Foi através de eventos, que foi a única coisa que veio na nossa mente. Começamos trazendo o Eduardo Façção Central em 2013, e ele veio lançar o livro dele “A guerra não declarada na visão de um favelado”. E, nesse livro, ele já falava sobre o genocídio do povo negro, e foi

muito importante pra gente, porque despertou que o que acontecia na periferia era um genocídio mesmo do nosso povo, e despertou também pra gente buscar as causas, onde começou a história desse genocídio do nosso povo e porque que acontecia. Então, nesse dia, veio o pessoal do centro da cidade, junto com a gente da Candinha e a gente participou da mesa com a mesma discussão, foi muito bacana. A partir daí nós começamos a entender a violência, lendo os “Condenados da Terra” do Frantz Fanon. Então, foi um estudo que a gente fez sobre a questão da violência desde a sua origem, que na sociedade brasileira, que a gente pensa que é uma sociedade desigual e violenta desde a descoberta do Brasil, que foi uma invasão, foi uma violência, e continua violenta até hoje. Então a violência tem uma história, uma origem. E também a gente usou a história do Brasil para entender o que está acontecendo hoje. Então, daí a gente sabe que para entender o que tá acontecendo hoje, no Brasil, a gente precisa estudar a história do Brasil Colônia, que as coisas estão lá, tá tudo lá, as respostas, as explicações do que a gente está vivendo, das coisas que estão acontecendo hoje. Então, o Coletivo foi muito importante, abriu um leque pra gente estudar e conhecer um monte de autores, como Gramsci, Frantz Fanon, e depois vieram os meninos com Slam de Perifa com a poesia e começaram a ler filosofia, ler filósofos que ninguém acredita que lêem. Por exemplo, tem um menino de 14 anos, o Artur, que está lendo o Kant, “A crítica da razão pura”, e tem muita gente que não acredita. Quando eu falei que eles lêem Frantz Fanon, uma professora da universidade perguntou ‘como você faz’ para os moleques lerem, a gente falou que dá os livros e eles abrem e lêem, não tem muita explicação, depois que eles abrem os livros o problema é deles, não é mais nosso. Então é muito interessante!



Slam, Coletivo Vozes da Rua



Slam, Coletivo Vozes da Rua



Adenilde assiste apresentação do Coletivo Vozes da Rua

Cláudia:

- Adenilde, ainda sobre essa questão da violência e do assassinato da juventude negra na periferia. No semestre passado, no Rio de Janeiro, foi assassinada a vereadora Marielle Franco, mulher, negra, lésbica, da periferia, que lutava contra o machismo, o racismo e a LGBTfobia. Em Juiz de Fora, também nós perdemos o Aici, negro, da periferia, potente voz do hip-hop. Queria que você falasse um pouco mais como você vê essa situação e como fazer o enfrentamento contra o racismo, o machismo e a LGBTfobia?

Adenilde:

- Dentro do que nós vimos com o Frantz Fanon, a gente se perguntava por que os jovens da periferia, os negros, estão se matando uns aos outros? Porque a acusação sempre era que a gente mesmo estava se matando um aos outros. Então, por que isso acontecia? Aí, lendo Fanon, nós descobrimos que os jovens da periferia não tinham conhecimento da situação que eles viviam, que essa situação era por causa da desigualdade social, e atrás dessa desigualdade tinha o sistema capitalista que a gente precisava combater. E aí a gente percebeu também que, ao matar uns aos outros, era porque se achava que nosso inimigo estava aqui perto, mas nosso inimigo é outro e que é o sistema capitalista que a gente tem que combater; não é a gente se matar, é a gente se juntar igual a Afrika Bambata fez com a cultura hip-hop em Nova York,

mostrou que as gangues não podiam ficar divididas, porque o nosso combate era contra o sistema capitalista que criava e fomentava a desigualdade. Nós, como estratégia para poder superar isso, a gente fala muito sobre o conhecimento da história, questionando ainda a história do país, entender por que existe a violência, o que é o sistema capitalista e o que ele quer, e através do conhecimento a gente buscar estratégias para poder superar. E uma das estratégias é a poesia. Nós não temos mais a rádio, mas o que os poetas falam é uma denúncia do que eles vivem, e também uma busca de solucionar o que tá sendo feito, o que tá acontecendo na nossa sociedade, levantar reflexão sobre o que a gente vive.

Cláudia:

- Você participou, em junho, de um encontro com a presidenta Dilma Rousseff. Qual é a sua avaliação sobre o impeachment ocorrido em 2016, e também sobre a prisão do ex-presidente Lula?

Adenilde:

- Sobre o impeachment, eu percebi, pelo que a gente estudou da história, a elite estava querendo retomar o Estado. Eu sempre falo que o Estado é patrimônio de alguém, da elite, e quando esse Estado abriu mais para o povo, o povão, eles logo trataram de retomar. Então o golpe foi uma retomada do que eles achavam que era deles, pra poder jogar de novo a gente no fundão da fábrica, no fundão da periferia e que a gente morresse mesmo. E também porque a Dilma é mulher, ela é mulher e, como mulher, os machistas da Câmara, da política, eles não aceitam que ela seja uma mulher honesta, que ela seja uma mulher que tenha posição própria, que tenha pensamento próprio e que saiba lutar contra a violência, que saiba lutar contra os machistas. Então, eu acho que houve uma mistura de tudo isso, e isso foi muito ruim pra nós. E a prisão do Lula também foi porque o Lula sempre lutou a vida inteira pela melhoria dos trabalhadores, pela qualidade de vida, para criar uma sociedade mais democrática e tudo mais. No governo dele, ele mostrou que era possível criar uma sociedade mais justa, com uma divisão de renda mais igual. Então a elite pensou que ‘acabou a brincadeira’, ‘nós não queremos isso, então ‘nós temos que acabar com esse cara’. Eu acho que esse projeto de acabar com Lula é uma continuidade do que eles tentaram fazer durante o período da Ditadura Militar; eles não conseguiram matar o Lula e nem o José Dirceu, então agora eles estão pra terminar o trabalho deles.

Cláudia:

- Com essas prisões e o impeachment, o que a gente tem é um golpe?

Adenilde:

- É golpe sim, é uma destruição da nossa sociedade, uma destruição dos nossos sonhos, das nossas possibilidades e da dignidade das pessoas mais pobres. É tudo isso misturado. E outra coisa que o pessoal pergunta, quando tem manifestação lá embaixo, que a gente não desce, um dia conversando com a Geni, que varre rua no centro da cidade, ela falou ‘Adenilde, cê não percebeu que a gente está calado por que a gente não pode falar?’ Mas esse silêncio nosso não é uma coisa para sempre, é uma estratégia, porque se a gente abrisse o bico e falasse pra caramba, a gente tava era tudo morto. Então, o silêncio da gente é uma espécie de estratégia para esperar o tempo oportuno. É muito difícil pra gente conviver com toda essa situação, essas perdas todas dos direitos dos trabalhadores, com a violência aumentando entre as mulheres... a gente vai percebendo também que a educação vai piorando, tudo tá piorando e que quem vai levar ferro mais uma vez é o pessoal da periferia.

Cláudia:

- Bom, mas a periferia tem se colocado de diversas maneiras. Nesse sentido, recentemente foi lançado o documentário “Íris da Candinha”. Como foi essa produção?

Adenilde:

- Essa produção foi feita pelos meninos, alunos da Escola Santa Cândida e participavam de um cursinho popular que o Levante Popular conduzia aqui no bairro, e, a partir daí, para não deixar o cursinho terminar e pronto, tiveram a ideia de fazer um documentário sobre a história da Santa Cândida. E foi uma coisa de levantar a memória. O “Íris da Candinha” procura conversar com alguns moradores sobre a história da Santa Cândida. E eu achei super importante por causa de trazer à luz, não deixar no esquecimento a luta de tanta gente, muitos já morreram e outras estão aí vivas, mas estão com debilidades e tudo mais, mas não podemos deixar essa luta delas silenciarem. Então, acredito que esse documentário foi super importante pra comunidade, pra poder tirar do ostracismo a história de centenas de pessoas que lutaram por esse bairro.

Cláudia:

- Adenilde, como está atualmente o hip-hop em Juiz de Fora e no Brasil e as produções do Slam?

Adenilde:

- Na cultura hip-hop, o pessoal tem reclamado muito de uma certa apropriação pela classe média da cultura hip-hop. Igual, aqui em Juiz de Fora, a gente tem isso escancarado, só que a gente não pode ficar falando muito. Mas o pessoal se apropria da cultura e tira o conteúdo revolucionário. O hip-hop é uma cultura negra de resistência, é um lugar onde os jovens

negros encontram um sentido de pertença, eles se sentem protegidos, se sentem guardados pra pensarem o que eles querem, e para denunciar também, tanto que o pessoal do rap fala que o rap é a CNN do morro, tudo que a mídia não informa, o rap vai falando, falando tudo. Na atualidade, com essa apropriação da cultura hip-hop, o pessoal desvincula os elementos, então só trabalham pelo rap; o rap virou um hit, o pessoal que tá na cultura hip-hop não conhece a história da cultura, não conhece os outros elementos da cultura e não sabem a importância da formação e do conhecimento. E, com isso, eles estão se distanciando da raiz da cultura hip-hop, que foi sempre uma denúncia e um anúncio, levar conhecimento e levar informação. Então, por isso, às vezes, a gente encontra na internet rappers femininas sendo acusadas de machismo, racismo, os homens também, os meninos também, porque falta formação e compromisso com a transformação, e isso é no Brasil inteiro. Então, o pessoal mais antigo está reagindo, como o Mano Brown, que está reagindo, denunciando e chamando o pessoal para voltar para às origens da cultura.

Cláudia:

- E em relação ao Slam?

Adenilde:

- O Slam apareceu nos Estados Unidos, os meninos podem falar melhor do que eu, e pelo que eu entendi ele é uma brecha dentro da cultura hip-hop, porque o rap não tá mais representando a periferia, então a poesia surgiu pra poder ocupar esse lugar que antes era do rap. Aí foram criados os Slam's, que são batalhas de poesia, as pessoas mostram seus trabalhos, discutem os seus trabalhos e tem uma classificação ali, há um vencedor. É uma forma que foi encontrada de ouvir as poesias de todo mundo, o que todo mundo tem a dizer. Então, a importância do Slam não é só porque nós vamos escolher a melhor poesia, o melhor poeta, mas é porque nós vamos ouvir todos os poetas e ouvir o que eles têm a dizer, e é muito forte, porque eles batem pesado mesmo, e então está substituindo bastante o rap, porque o rap deixou de cumprir a sua finalidade que é denunciar.

Cláudia:

- Essas poesias do Slam, em geral, têm que tema?

Adenilde:

- Eles falam sobre racismo... Igual, no sábado passado, teve um Slam, e eles falaram sobre LGBTfobia. Foi bem forte mesmo! Falaram sobre o preconceito, sobre a discriminação, falaram sobre o machismo, o racismo... Então, são temas dessas poesias. Falaram sobre a situação da mulher negra na periferia, como um poema do Mohamed, que chama "Mãe

Preta”, que ele escreveu a partir do que ele observou de um ponto de ônibus: as mulheres voltando do trabalho, cansadas, enfrentando o ônibus cheio; chega em casa, encontra uma casa toda bagunçada, vai pra segunda jornada de trabalho, depois de ficar 8 horas enfrentando surra verbal do patrão. Eu achei muito interessante essa figura! Tem o Iuri também, que fala assim das mulheres que são chefes de família, aqui na periferia, da barra que elas enfrentam, do preconceito, do machismo que elas enfrentam. Então, são esses temas. E tem uma que eu achei super interessante que foi da Andressa que fala sobre os vários tipos de feminismos; então, ela fala que o feminismo que ela vê não a contempla, porque é diferente, como mulher preta, ela tem outras demandas. São esses versos sobre a cidade, sobre o que a gente sente, sobre as discriminações.

Cláudia:

- Em agosto de 2017, você recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Qual a importância desse título



Adenilde com o Grupo Flores Raras

Foto: DJ Nonô

Adenilde:

- A importância foi a mesma importância da cultura hip-hop, que tirou a gente da invisibilidade, a cultura hip-hop tirou a periferia da invisibilidade, deu visibilidade às pessoas, aos jovens da periferia. Então, foi a mesma coisa. A gente foi pinçada, lá na bacia das almas, e trazida pra luz. Então, eu achei muito bacana o envolvimento de todo mundo, o pessoal da

cultura hip-hop que apoiou. E também que a comunidade aqui, que eu conversei, expliquei sobre o título e todo mundo falava: ‘é nosso, é nosso; isso não é só seu não, porque a gente lutou junto, caminhou junto’. Então aquela idéia de comunidade, de coletividade, de partilhar o mesmo pão, então, o prêmio, o título era partilhado com a comunidade, com a periferia dessa cidade. E foi legal, porque eu percebi que a gente não tem noção do que fica pra trás; aí eu percebi o quanto eu já andei nas periferias de Juiz de Fora, não foi só Santa Cândida, Vila Alpina, São Benedito... andei nessa cidade inteira, fazendo coisas, na época da Ditadura, e agora, mesmo depois. Então, eu senti que o pessoal de outras comunidades também, ficaram assim aliviados, se sentindo bem e achando que eu representava, que eu tinha mesmo que receber esse título da periferia, como representante da periferia, e era um título da periferia, não era só meu, era de todo mundo. Às vezes, o pessoal me para e fala: ‘Adenilde, você recebeu o prêmio, mas é nosso, não esquece que é nosso’. Então, eu achei bacana, porque a gente sempre partilhou uma caminhada, sempre partilhou uma luta, a gente comeu do mesmo pão e tamo aí.

Cláudia:

- Obrigada, Adenilde.

Adenilde:

- Eu que te agradeço. E agradeço – falta falar né -, que a idéia foi sua, da Daniela... e eu fiquei assim muito feliz! Porque só uma pessoa assim – isso você põe lá -, só uma pessoa assim, como você, que é parceira, que tá dentro da luta com a gente, que entende a gente, era capaz de fazer; outra pessoa não ia fazer isso.

Cláudia:

- Tamo junto.

Adenilde:

- É...